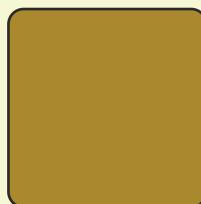
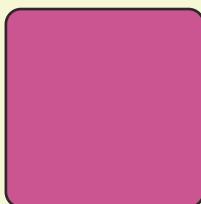
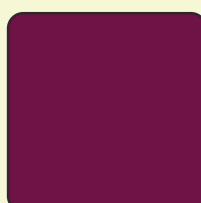


MAPA

MATERIAL DE APOIO DO PROFESSOR ALIADO



museu
DA DIVERSIDADE SEXUAL



SUMÁRIO

03

APRESENTAÇÃO

04

**HISTÓRIA DA
COMUNIDADE**

08

LETRAMENTO

16

**ORIENTAÇÕES E DICAS
SOBRE A COMUNIDADE**

20

**SAÚDE E
BEM-ESTAR**

26

**RECURSOS
PRÁTICOS**

29

**MUSEU ALIADO
DA ESCOLA**

30

BIBLIOGRAFIA

APRESENTAÇÃO

O Museu da Diversidade Sexual (MDS) é um equipamento da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Governo do Estado de São Paulo.

O MDS nasce em 2012 em diálogo com os movimentos sociais e desde então tem se dedicado a ser um espaço destinado à memória, à arte, à cultura e ao acolhimento da comunidade LGBTQIA+ e pessoas aliadas. A grande missão deste equipamento cultural é através da arte e da educação ser agente de transformação social.

O presente material foi criado para ampliar o diálogo com educadores e pessoas interessadas nas pautas da diversidade. Neste livro você encontrará informações, propostas de discussão e ferramentas de acolhimento que contribuirão com a luta do educador aliado em seus espaços de atuação.



HISTÓRIA DA COMUNIDADE

"Olá, eu sou Jaci, descendente do povo Guarani.

Para o meu povo, gênero é algo que os colonizadores trouxeram, então me identifico como uma pessoa não binária. Não me enquadro nessa lógica binária de homem e mulher.

Divido a parentalidade da pequena Inaiê, com meu afeto, porém estamos em uma relação não monogâmica.

A história do Brasil não começou com a chegada dos colonizadores, e nós, dissidentes de gênero, estivemos presentes neste território, vivendo em harmonia em nossas comunidades muito antes da invasão.

Entretanto, para os colonizadores nossa existência passou a se tornar criminosa diante dos olhos da inquisição, compartilho com vocês fatos históricos recém-descobertos para construirmos uma nova narrativa sobre o passado, e projetarmos um novo futuro."



LINHA DO TEMPO DA HISTÓRIA RECENTE

1940

Com a promulgação do novo Código Penal, deixa de ser crime "disfarçar o sexo, tornando trajes impróprios do seu, e trazê-los publicamente para enganar" (art. 379 do Código Penal de 1890).

1959

A primeira cirurgia brasileira de redesignação sexual em um homem transexual intersexo é realizada pelo médico José Eliomar da Silva, em Itajaí/SC.

1978

É fundado o SOMOS: Grupo de Afirmação Homossexual. O coletivo surge a partir da publicação do Lampião da Esquina (1978-1981), jornal pioneiro de militância LGBTQIA+ no Brasil.

1980

A ONG Grupo Gay da Bahia (GGB) é fundada em Salvador; é a mais antiga associação brasileira LGBTQIA+ em atividade.

1981

Surge em São Paulo, o Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF), que editarão o periódico *ChanaComChana* (1981-1987), um dos mais importantes veículos do ativismo lésbico brasileiro.

1983

Levante do Ferro's Bar: em 19 de agosto, após serem impedidas de vender o boletim *ChanaComChana* no reduto lésbico da capital paulista, ativistas do GALF invadem e protestam no espaço. A data marca o Dia Nacional do Orgulho Lésbico.

1990

A Organização Mundial de Saúde (OMS) retira a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (CID) em 17 de maio, data que será conhecida como Dia Internacional do Combate à LGBTfobia.

1992

Fundação da Associação Nacional de Travestis e Liberados (ASTRAL), no Rio de Janeiro. É a primeira associação brasileira focada exclusivamente nos direitos da população trans. Jovanna Baby, uma das idealizadoras, organiza o primeiro dicionário de bajubá: "O Diálogo de Bonecas".

1997

Em 28 de junho, Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+, acontece a primeira Parada de São Paulo, na avenida Paulista, com o lema "Somos muitos, estamos em todas as profissões".

2008

O Processo Transexualizador, assistência para usuários com demanda para transição de gênero, é instituído no SUS pelo Ministério da Saúde.

2011

O Supremo Tribunal Federal reconhece o status de entidade familiar à união homoafetiva, equiparando-a com a união estável (ADI nº 4.277).

2012

É criado o Centro de Cultura, Memória e Estudos da Diversidade Sexual do Estado de São Paulo (decreto estadual nº 58.075/2012); em 2018, o centro passa a denominar-se Museu da Diversidade Sexual.

2016

O decreto nº 8.727/2016 assegura o direito ao nome social no âmbito da administração pública federal.

2018

O STF assegura o direito de pessoas trans à alteração do prenome e do sexo no registro civil, no julgamento da ação direta de constitucionalidade n. 4.275/2018.

2019

O CID 11 da OMS retira a transexualidade da categoria de transtorno mental. No julgamento da ação direta de constitucionalidade por omissão nº 26 / 2019, o STF criminaliza a LGBTfobia, equiparando-a ao crime de racismo, enquanto o Congresso Nacional não legisle sobre o tema.

2020

O STF considera inconstitucional que homens homossexuais cis, travestis e mulheres trans sejam impedidos de doar sangue (ADI n. 5.543/2020).

"Infelizmente, somos povos forjados sob a lógica da colonização europeia. Nossos corpos, saberes e afetos foram moldados por uma estrutura de poder que impôs um único modo de existir no mundo, pautado pela hierarquia, pelo binarismo e pela supressão das diferenças.

Herdamos uma monocultura civilizatória que, ao longo dos séculos, silenciou outras formas de conhecimento, relacionamento e pertencimento. Comungamos, muitas vezes inconscientemente, com essa lógica dominante, reproduzindo os mesmos modelos que nos excluíram e violentaram. Contudo, reconhecer essa herança não significa aceitá-la como destino.



Nossos ancestrais, antes da invasão colonial, já possuíam formas complexas e profundas de entender a vida, o tempo, os corpos e os vínculos. Nesse outro horizonte, não havia a necessidade de aprisionar os seres em categorias fixas como "homem" ou "mulher", nem de normatizar os afetos sob uma única moral religiosa ou sexual. O pertencimento, nesse outro horizonte, se dava pela relação com a terra, com o coletivo e com a espiritualidade. Portanto, convido você a conectar-se à ancestralidade afro-indígena como uma via potente para reimaginar os mundos possíveis."

LETRAMENTO

"Oi, me chamo Clarisse, minha identidade de gênero é travesti, em relação a orientação sexual afetivo sou uma mulher lésbica. Estou no mestrado, estudo gênero e sexualidade. E para ampliar o debate, conduzirei este letramento.



O campo dos estudos de gênero emerge, na literatura acadêmica, como um instrumento de análise crítica das estruturas de poder presentes nas práticas sociais. Tais estruturas, historicamente construídas e hierarquizadas, são resultado direto de processos de dominação, entre os quais se destaca a colonização.

Esta, ao impor normas rígidas sobre os papéis sociais de homens e mulheres, contribuiu para consolidar uma visão binária e dicotômica dos corpos e das subjetividades. Nesse cenário, é urgente consolidar um pensamento crítico e inclusivo, capaz de romper com os discursos normativos e de promover a valorização das múltiplas formas de existência humana.

O conhecimento, nesse sentido, atua como ferramenta de transformação social e política, permitindo o reconhecimento pleno da dignidade e dos direitos das pessoas LGBTQIA+."

SEXO BIOLÓGICO

O sexo é comumente atribuído com base em características anatômicas e genéticas e produções hormonais (cromossomo XX {vagina}, XY {pênis} ou intersexo), mas essa classificação não dá conta da complexidade das experiências humanas. O termo "hermafrodita", por exemplo, hoje considerado inadequado e estigmatizante, foi substituído por "intersexo", reconhecendo a multiplicidade de expressões corporais que não se enquadram nas categorias tradicionais de masculino e feminino.

GÊNERO

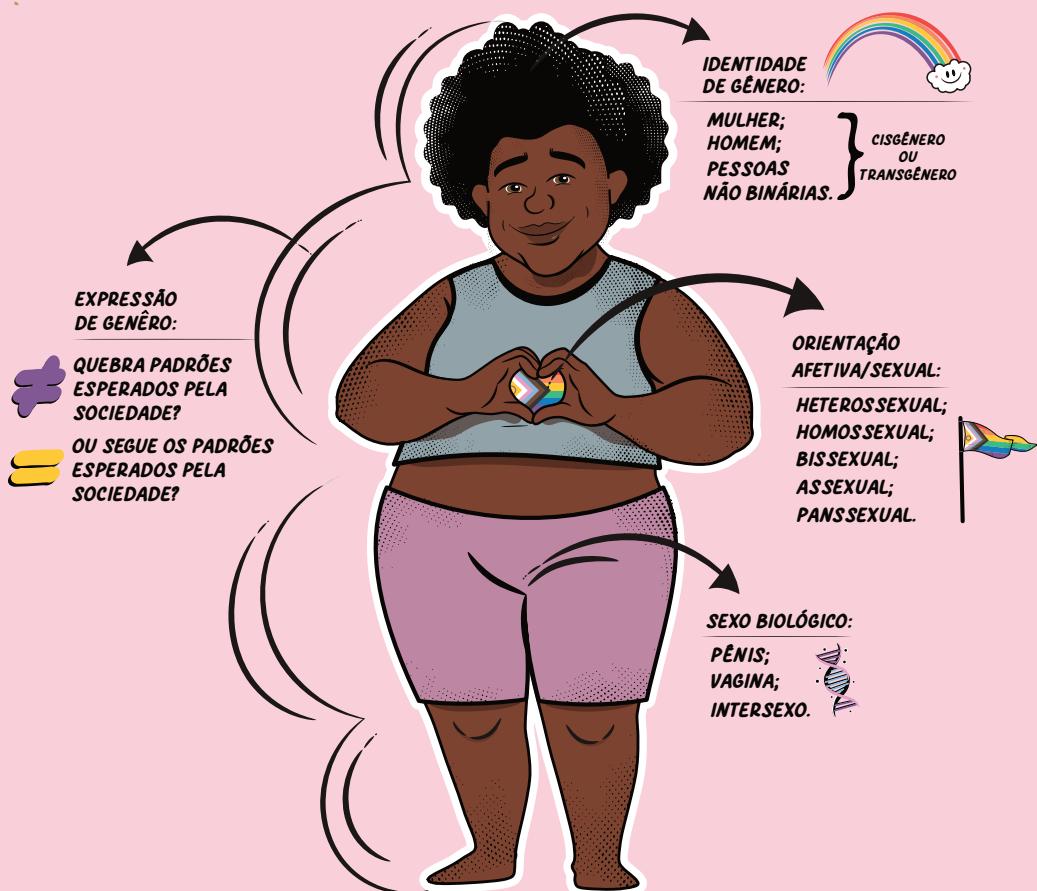
O gênero, por sua vez, é compreendido como uma construção social, historicamente situada e culturalmente variável. Atribuído com base no sexo biológico, ele se expressa por meio de normas, comportamentos, linguagens e símbolos que definem o que se espera de homens e mulheres em cada sociedade. A identidade de gênero refere-se à maneira como cada indivíduo se percebe – podendo coincidir ou não com o gênero atribuído ao nascimento –, enquanto a expressão de gênero diz respeito às formas como essa identidade é manifestada publicamente, por meio do vestuário, da linguagem corporal, da voz, entre outros aspectos. Tal distinção torna-se crucial para entender a diversidade de vivências, que incluem pessoas cisgênero, transgênero, não-binário e entre outras.

ORIENTAÇÃO AFETIVO-SEXUAL

No que se refere à orientação afetivo-sexual, esta diz respeito à direção da atração física,

emocional e afetiva de uma pessoa, podendo ser heterossexual, homossexual, bissexual/pansexual ou assexual, entre outras possibilidades. A orientação sexual, assim como o gênero, é uma dimensão identitária complexa e não corresponde a uma escolha consciente, mas a uma vivência subjetiva que se constitui ao longo do tempo. A sociedade, entretanto, tem historicamente naturalizado a heterossexualidade como norma, deslegitimando outras formas de desejo e afetividade. Esse sistema heteronormativo tem produzido diversas formas de exclusão e violência, especialmente contra pessoas LGBTQIA+.

CONSCIÊNCIA DE GÊNERO



HISTÓRIA DA SIGLA, SIGNIFICADO E SUA LUTA POLÍTICA

Desde o surgimento da sigla, em meados da década de 1960 – impulsionado pela mobilização de diversos coletivos em busca de reconhecimento e intensificado após a Revolta de Stonewall (assista ao vídeo no QR Code abaixo), em 1969 – o termo “gay” era frequentemente utilizado para se referir a qualquer pessoa da comunidade LGBTQIA+. Com o passar do tempo, os coletivos passaram a se organizar para garantir uma representação mais justa e específica de cada grupo dentro da comunidade. Assim, a sigla evoluiu, passando por variações como GLBT, LGBT e LGTBI, até chegar ao formato que utilizamos atualmente (em 2025): LGBTQIAPN+.



Um fato histórico interessante sobre a escolha da letra “L” para iniciar a sigla foi abordado em uma publicação da revista Emerge Mag (leia o QR Code abaixo), que rememora a década de 1980 – período em que o vírus HIV se espalhava rapidamente pela América Latina, especialmente entre homens cisgênero gays. Como resultado, muitos deles foram proibidos de doar sangue e passaram a ser negligenciados pelos sistemas de saúde. Diante desse cenário, grupos de mulheres lésbicas nos Estados Unidos se organizaram para doar sangue e oferecer apoio. Essa mobilização evidenciou a força, solidariedade e protagonismo das mulheres lésbicas em meio à desinformação e ao intenso preconceito que marcavam a época.



L - LÉSBICAS

atração sexual, afetiva e/ou romântica por outras pessoas de gênero feminino.

O mês de agosto é considerado o mês da visibilidade lésbica, sendo no dia 19 o dia do orgulho lésbico, em memória ao Ferro's Bar, e o dia 29 de agosto é o dia nacional da visibilidade lésbica em referência ao primeiro seminário nacional de lésbicas (SENALE).



G - GAYS

Gays são homens (cisgêneros ou transgêneros) que experimentam atração sexual, afetiva e/ou romântica por outras pessoas de gênero masculino.

O 28 de junho é o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+ e é também conhecido como Dia do Orgulho Gay.

B - BISSEXUAIS

Bissexuais, são pessoas (cisgêneros ou transgêneros) que se caracterizam pela atração por mais de um gênero, seja de forma emocional, romântica ou sexual. Essa atração pode variar em intensidade entre os diferentes gêneros, portanto pessoas bissexuais podem se relacionar com indivíduos do mesmo gênero ou de outros gêneros.

O dia 23 de setembro é dedicado à visibilidade bisexual.

T - TRANSEXUAL/ TRANSGÊNERO/TRANS

Pessoas trans é um termo guarda-chuva que abrange indivíduos cuja identidade de gênero difere do sexo que lhes foi atribuído ao nascer. Isso inclui mulheres trans, homens trans e pessoas não binárias. Pessoas transgênero são aquelas que não se identificam com o gênero que lhes foi designado com base em seu sexo biológico.

O dia 29 de janeiro é dedicado à visibilidade trans.



Q - QUEER

Originado nos Estados Unidos durante a década de 1980, o termo "Queer" (ou "genderqueer") foi cunhado para designar indivíduos que não se alinham aos padrões normativos de gênero e sexualidade impostos socialmente. Seu objetivo é englobar a ampla diversidade de orientações性uais e identidades de gênero.

Não existe uma data específica de visibilidade para pessoas Queer, sendo comemorado no dia 28 de junho, no dia internacional do orgulho LGBTQIA+.



I - INTERSEXO

Pessoas intersexo possuem características sexuais físicas

que divergem das normas culturais tipicamente associadas às designações binárias de feminino ou masculino, baseadas nas configurações cromossômicas ensinadas tradicionalmente em aulas de biologia (como o padrão "XX" para mulheres e "XY" para homens). Indivíduos intersexo podem apresentar diversas variações cromossômicas, incluindo "XXY", "XXXY", "XXYY" e "XO", entre outras. Essa diversidade genética desafia a lógica binária de gênero e a ideia de que a genitália determina a identidade de gênero de uma pessoa.

De acordo com estimativas da ONU, existem cerca de 100 mil brasileiros intersexo. As pesquisadoras Céu Albuquerque, Thais Emilia e Dionne Freitas, autoras do livro "150 Variações Intersexo", identificaram aproximadamente 150 variações intersexo distintas. A letra I foi incorporada à sigla em 2018, com a fundação da ABRAI.

O dia 26 de outubro é dedicado à visibilidade intersexo.





A - ASSEXUAL

A assexualidade se manifesta na ausência total, parcial ou contextual de atração sexual por outras pessoas, independentemente de seu gênero. Indivíduos assexuais podem não sentir atração sexual ou desejo por relações íntimas/sexuais. Distintamente, ser assexual não significa ser assexualizado. Para descrever aqueles que sentem atração sexual com maior frequência e menos restrições, a comunidade assexual criou o termo "alossexual".

A letra A foi incorporada na bandeira por volta de 2015, quando o debate conseguiu ganhar mais força dentro do movimento LGBTQIA+.

O dia 6 de abril é dedicado à visibilidade assexual.

P - PANSEXUAL

A pansexualidade é a atração afetiva e sexual por indivíduos, independentemente de seu gênero, expressão de gênero ou orientação sexual.

O dia 8 de dezembro é o dia dedicado a celebrar a pansexualidade, enquanto o dia da visibilidade pansexual e panromântica é comemorado no dia 24 de maio.

NÃO-BINARIEDADE

Pessoas não-binárias, identificam-se com um gênero que transcende a dicotomia homem/mulher. A não-binariedade representa uma experiência de gênero que questiona e rompe com o binarismo de gênero.

O dia 14 de junho é dedicado à visibilidade não-binária.



O símbolo "+" adicionado à sigla busca reconhecer outras orientações e os debates em curso na comunidade, refletindo a natureza dinâmica e em constante atualização dessas discussões, compreendendo que o diálogo é contínuo e evolutivo.

BANDEIRA EXPLICADA



ORIENTAÇÕES E DICAS SOBRE A COMUNIDADE



"Iai, eu sou o Dan. Um homem transgênero, bissexual. Hoje estou em um relacionamento monogâmico com outro homem cisgênero. Minha experiência como uma pessoa bissexual me faz sentir atração pela personalidade da pessoa, gênero e genitália não são fatores que influenciam no despertar do meu interesse. Enquanto uma pessoa que também está aprendendo todos os dias sobre a minha própria comunidade, compartilho orientações e dicas que aprendi."

COMUNICAÇÃO INCLUSIVA

Nesta forma de comunicação adapta-se o discurso para que os substantivos próprios atrelados às pessoas não tenham o gênero definido. E para isto utilizamos palavras que indicam neutralidade de gênero.

Exemplo:

Ao invés de usar “os gestores”, você pode usar “equipe gestora”. Ao invés de usar “procura-se candidato para a vaga” você pode usar “procura-se pessoa candidata para a vaga”.

LINGUAGEM NEUTRA

Nesta forma de comunicação usa-se artigos e pronomes neutros no discurso para que os substantivos próprios atrelados às pessoas não tenham o gênero marcado.

O que é artigo: segundo o Evanildo Bechara, o artigo é a vogal que antecede o substantivo.

feminino: masculino: neutro:
a, as, uma, umas o, os, um, uns e, es, ume, umes.

O QUE É PRONOME

Segundo o Evanildo Bechara o pronome faz referência a um objeto substantivo no discurso. Para indicarmos a outras pessoas no discurso usamos os pronomes pessoais.

Os pronomes pessoais em terceira pessoa são:

feminino: masculino: neutro:
ela, elas ele, eles elu, elus, ile, iles

A linguagem neutra está em construção e ainda não foi absorvidas pela norma padrão da língua portuguesa.

NOME SOCIAL

É a designação pela qual a pessoa trans, binária ou não, se identifica e é socialmente reconhecida. Segundo o decreto presidencial N° 8.727 de 2016 o nome social deverá ser adotado, indicando a obrigação de constar nos documentos oficiais o nome social da pessoa trans.

Na Educação: Portaria nº 33 de 2018 do Conselho Nacional de Educação para o MEC:

Art 2º garante a possibilidade do uso do nome social por pessoas trans.

Art 3º Estudantes maiores de 18 podem solicitar o uso do nome social.

Art 4º Estudantes menores de 18 anos podem solicitar o uso do nome social mediante representantes legais.

RETIFICAÇÃO DE NOME

É o processo de alteração do prenome e do gênero nos documentos de nascimento e casamento para pessoas transgênero, binárias ou não.

No ano de 2018 o Supremo Tribunal Federal (STF) garantiu a pessoas trans o direito à alteração do nome sem a necessidade de autorização judicial ou de nenhum processo de modificação corporal de afirmação de gênero (cirurgias e hormônio).

Neste ano o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) publicou o Provimento nº 73/2018 e regulamentou o procedimento para solicitar a retificação de registro civil diretamente em cartório. Facilitando o processo de alteração.

É possível encontrar informações mais apuradas como; os documentos necessários para o processo de retificação; a gratuidade do processo e dúvidas frequentes, no site da defensoria pública de São Paulo.



USO DO BANHEIRO

O uso do banheiro é um princípio básico de dignidade da pessoa humana garantido pela Constituição Federal de 1988. E este direito deve ser garantido "sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de preconceito" (1988).

Segundo o Decreto Presidencial 8727/2016 cada indivíduo tem o direito de reconhecer a própria identidade, sem guardar relação necessária com o sexo atribuído no nascimento.

Portanto negar ou atuar para impedir o acesso a banheiros ou espaços masculinos ou femininos em oposição ao direito à autodeterminação da pessoa trans é violar os direitos à liberdade e às identidades de pessoas trans. (ANTRA, 2023).

É possível encontrar mais informações sobre o uso do banheiro em um Dossiê criado pela ANTRA, acesse ao lado.



"Lembre-se que no Brasil, a LGBTfobia é criminalizada por equiparação à Lei do Racismo (Lei nº 7.716/1989) e pela Lei nº 10.948/2001, que veda a discriminação por orientação sexual.

É fundamental a conscientização da população sobre crimes de LGBTfobia. Todos nós como cidadãos temos responsabilidade e dever de notificar atos criminosos e denunciar para as autoridades cabíveis. Em caso de violação de direitos humanos contra a comunidade LGBTQIA+, procure auxílio imediatamente!"



Compareça a uma delegacia para registrar o boletim de ocorrência ou entre em contato com a polícia através do 190;

Registrar a denúncia junto a ouvidoria da Secretaria dos Direitos Humanos através do Disque 100 ou via Whatsapp pelo número (61) 9656-5008.

Em caso de violência contra mulheres, as denúncias podem ser feitas via Central de atendimento à Mulher através do número 180 ou via Whatsapp pelo número (61) 9610-0180

"Todos os canais citados acima funcionam 24h por dia e podem ser acionados de qualquer lugar do Brasil de forma anônima. Quem não se posiciona diante o enfrentamento à violação de direitos humanos, é cúmplice! Denuncie!"

SAÚDE E BEM-ESTAR

"Oi, meu nome é Caê, sou uma pessoa intersexo, entretanto, descobri que era uma pessoa intersexo tardiamente. Quando nasci, devido a minha vulva, fui designada como mulher, entretanto na adolescência meu corpo não correspondia ao desenvolvimento de um corpo com vulva. Então busquei fazer exames e me descobri uma pessoa intersexo, foi bastante libertador, pois nunca me encaixei completamente na construção social do gênero que me designaram ao nascimento, devido a esta descoberta busquei por muitas pesquisas sobre saúde física e mental e compartilho algumas informações que encontrei.

Por muitos anos, os corpos e identidades LGBTQIA+ foram patologizados. Foi só em 1990, graças à pressão de décadas de lutas sociais, que a Organização Mundial da Saúde (OMS) finalmente retirou a homossexualidade da lista de doenças.

E, mesmo assim, a transsexualidade e a transgeridez só deixaram de ser classificadas como transtornos em 2018.



Esse reconhecimento institucional representa um marco histórico, mas não elimina os desafios cotidianos enfrentados pelas pessoas cujas identidades e expressões de gênero e sexualidade divergem do padrão hegemônico."

SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO LGBTI+

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a saúde mental é definida como “um estado de bem-estar no qual o indivíduo reconhece suas próprias habilidades, consegue lidar com as tensões da vida, trabalha de forma produtiva e contribui para sua comunidade”¹. Todavia, quando se vive em uma vida de exclusão, marginalização, preconceito e silenciamento, atingir esse bem-estar torna-se uma meta difícil de ser alcançada.

A Saúde Mental é um tema de grande importância quando falamos de Pessoas LGBTIA+. Historicamente, sobretudo no início do desenvolvimento das ciências da saúde, fazer parte de um grupo minoritário de orientação sexual e identidade de gênero foi considerado uma doença ou transtorno, sendo inclusive quadros incluídos nos principais manuais de saúde mental.

Até 1973, por exemplo, a Associação Americana de Psiquiatria incluía a homossexualidade no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Já na OMS, o termo “homossexualismo”

foi retirado da Classificação Internacional de Doenças (CID) somente em 1990 – neste mesmo manual, ser uma pessoa trans somente deixou de ser considerado doença oficialmente em 2018, com a substituição do termo “transexualismo” por “incongruência de gênero”.

Diversos estudos no Brasil e no Mundo apontam as vulnerabilidades das pessoas LGBTIQAPN+ quando o assunto é saúde mental, em especial quando tratamos de maiores riscos de desenvolver quadros ansiosos, depressivos, práticas de autolesões, tentativas de suicídio e uso abusivo de drogas em comparação a pessoas cis e heterossexuais^{2,3}. Somente no Brasil, após o início da pandemia de Covid-19, houve um aumento de 30% dos diagnósticos de depressão e 47,6% dos quadros de ansiedade.⁴

Ademais, há também outro tipo de sofrimento: o Estresse de Minoria. Além dos estressores comuns da vida cotidiana (como trabalho, renda, relacionamentos amorosos, família, entre outros), os grupos minoritários possuem um estresse específico e que se subdividem em três: 1)

experiências de vitimização, que é a vivência de preconceito, violência, agressão, rejeição, entre outros; **2) o preconceito internalizado, ou seja, quando a pessoa rejeita a própria sexualidade/identidade; e 3) ocultação da orientação/identidade, que é quando há o medo de ser descoberto por ser quem se é.⁵**

Para as pessoas trans e travestis, outros temas relacionados à saúde mental incluem a incongruência e a disforia de gênero. Enquanto a Incongruência de Gênero é definida como “uma incongruência marcada e persistente entre o gênero experimentado de um indivíduo e o sexo atribuído” (CID-11)⁶, a disforia é classificada como o “sofrimento psicológico que é resultado da incongruência de gênero” (DSM-5-TR).⁷

Ou seja, enquanto o primeiro fala da diferença entre o gênero atribuído e o que a pessoa se identifica, o último fala das angústias que existem na distância entre a identidade atribuída ao nascer e o gênero com o qual se identifica. Na disforia, é comum, por exemplo, o desejo de se livrar de características sexuais primárias ou secundárias que surgem em seu corpo (como crescimento da barba ou aumento dos seios). Um exemplo de disforia está no sofrimento intenso de homens trans durante o período

menstrual – chamado muitas vezes de “monstruação”.

Frente a todos esses sofrimentos e estigmas, algumas medidas cotidianas podem contribuir para aliviar e cuidar da saúde mental:

- **Acolhimento e empatia:** ter uma postura empática e acolhedora, livre de julgamentos, é o primeiro passo para estimular a aproximação e conexão, sobretudo quando a rejeição é a vivência predominante. Saber escutar, entender e dar suporte contribui para minimizar o sentimento de solidão que assola muitas pessoas LGBTIA+.
- **Estar em constante aprendizado:** ninguém nasce sabendo de tudo e o conhecimento é construído cotidianamente. Esteja aberto/a/e a conhecer um pouco mais das siglas, a se atualizar quanto a práticas científicas, leis e lutas que marcam as pessoas minoritárias. Muitas vezes, a raiz dos preconceitos é o desconhecimento.
- **Posicione-se:** ser uma pessoa aliada implica em não estar em silêncio em situações de violência. Desde falas preconceituosas até violências físicas, o posicionamento é

fundamental para proteger as vítimas e cuidar da saúde mental de pessoas LGBTIA+. Em casos que necessitem de Boletim de Ocorrência, estar presente no momento da denúncia ajuda não só no apoio mas também a validar o ocorrido.

- **Esteja atento a possíveis riscos: saúde mental não é frescura. Muitos sofrimentos passam despercebidos, são negligenciados ou diminuídos quando acontecem – e, em muitos casos, nem a própria pessoa é capaz de se perceber como em risco. Se perceber mudanças de comportamento, de humor ou falas depreciativas, oriente para procurar serviços de saúde mental da sua região: UBS em casos mais leves, CAPS em episódios de maior gravidade e UPA/Hospitais em situação de risco iminente à vida.**

Por fim, é importante destacar que o cuidado de saúde mental das pessoas LGBTIA+ segue Resoluções do Conselho Federal de Psicologia que regulamentam, orientam e fiscalizam a atuação de Psicólogos para essa população. Dentre elas, há a Resolução CFP 01/99⁸, que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à Orientação Sexual e que determina que psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades; a Resolução CFP 01/2018⁹, que norteia a atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis; e a Resolução 08/2022¹⁰, que orienta sobre a atuação para profissionais da psicologia em relação às bissexualidades e demais orientações não-monessexuais (orientações que não se atraem por apenas um gênero).



CINTHYA SANTOS - PSICÓLOGA, ESPECIALISTA
EM SEXUALIDADE, DIREITOS HUMANOS E SAÚDE COLETIVA

CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICOLOGO

"O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão."

Está vedado ao psicólogo:

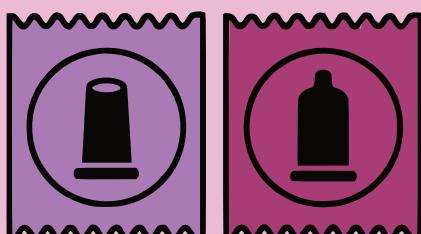
- Praticar ou ser conivente com quaisquer atos que caracterizem negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão;
- Induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais;
- É possível encontrar mais informações sobre o uso do banheiro em um Dossiê criado pela ANTRA (qrcode com o documento e foto da capa do dossiê).



"Você sabia que o Projeto de Lei n.1795/2022, busca enquadrar a prática de terapias de conversão de orientação sexual como crime no Brasil."

RELAÇÃO COM O CORPO E IST'S

Uma relação sexual consentida deve vir acompanhada de métodos de proteção. As camisinhas externa e interna são distribuídas gratuitamente pelo SUS.



Com o uso de camisinhas, nos preservamos das IST's. Mas o que são IST'S?

Segundo o Ministério da Saúde, Infecções Sexualmente Transmissíveis, que podem ser causadas por vírus, bactérias e outros microrganismos, são transmitidas, principalmente por meio de contato sexual sem o uso de camisinha com uma pessoa que esteja infectada.

"A Organização Mundial da Saúde informa que mais de 1 milhão de IST's curáveis são adquiridas todos os dias no mundo todo em pessoas de 15 a 48 anos. Entretanto temos algumas IST's que não tem cura, como o HIV e a Aids. Por isso é tão importante se prevenir. Mas calma, em caso de sexo desprotegido existe dois medicamentos chamados PrEP e PEP, que são distribuídos gratuitamente pelo SUS."

E O QUE É A PREP E PEP?

PrEP é a Profilaxia Pré-Exposição ao HIV.

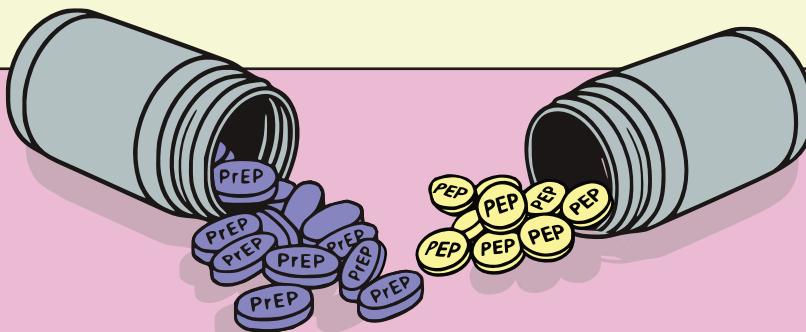
Segundo o Centro de Referência e Treinamento DST/AIDS - SP PrEP consiste no uso de medicamentos anti-HIV de forma programada para evitar uma infecção pelo HIV. Inicialmente aprovada no Brasil para o uso diário e contínuo do medicamento, desde 2022 também é possível tomá-la na modalidade "sob demanda". Caso haja uma exposição (situação de risco), o medicamento não permite que o HIV se instale no organismo.

Atualmente, só há um produto aprovado para PrEP no país, que é um medicamento 2 em 1 (tenofovir e entricitabina). A palavra "profilaxia" significa prevenção. A sigla PrEP vem do inglês (Pre-Exposure Prophylaxis).

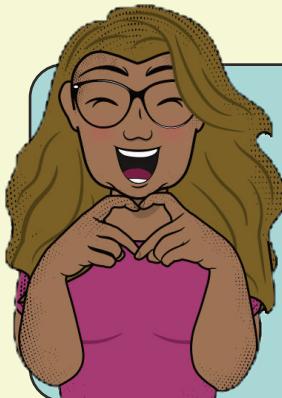
A PEP é o uso de uma combinação de medicamentos anti-HIV (tenofovir + lamivudina + dolutegravir) em caráter de urgência, APÓS uma situação de risco, por somente 28 dias, e já está disponível no Brasil há anos.



Saiba onde encontrar lugares que oferecem PrEP e PEP em todo o Brasil?



RECURSOS PRÁTICOS



"Ei, muito prazer, eu sou a Sônia, sou uma mulher cis e hetero, e sou uma grande aliada da comunidade LGBTQIA+, estou atuando como professora na rede pública de ensino há muitos anos, então compartilharei alguns dos recursos práticos que utilizo em sala de aula para abordar as questões da diversidade sexual e de gênero."

JANEIRO 29/01 Dia da visibilidade Travesti e Transgênero	FEVEREIRO 20/02 Dia internacional da transmasculinidade	MARÇO	ABRIL
MAIO 17/05 Dia internacional de combate à LGTBIfobia	JUNHO 28/06 Dia internacional do Orgulho LGBTQIA+	JULHO 14/07 Dia Internacional das Pessoas Não Binárias	AGOSTO 29/08 Dia da visibilidade Lésbica
SETEMBRO 23/09 Dia da visibilidade Bissexual	OUTUBRO 26/10 Dia da visibilidade Intersexo	NOVEMBRO	DEZEMBRO 01/12 Dia Mundial Contra Aids

PERSONALIDADES LGBTQIA+ DE DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO

LITERATURA

MÁRIO DE ANDRADE

Figura central para o Movimento Modernista no Brasil, sua orientação sexual foi tornada pública em 2015 através da pesquisa no compilado de cartas trocadas com o poeta Manuel Bandeira.



ARTE

FRIDA KAHLO

Pintora mexicana de enorme relevância, com deficiência adquirida após acidente em sua juventude; em seus diários e em sua vasta produção artística refletiu sobre sua orientação sexual e sobre a não monogamia.



MATEMÁTICA

ALAN TURING

Criador de uma das primeiras versões do computador e figura central para a vitória dos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial, sofreu LGBTfobia do estatal da Inglaterra.



CIÊNCIA

SALLY RIDE

Astronauta e a primeira mulher a viajar para o espaço, viveu sua vida com a companheira, entretanto sua sexualidade só foi tornada pública após a morte.



ESPORTE**QUINN**

Primeira pessoa trans a receber medalha em uma Olimpíada, pessoa não binária integrou a Seleção Canadense de Futebol.

**POLÍTICA****KÁTIA TAPETY**

Vereadora eleita em 1992, primeira pessoa trans a ser eleita para um cargo público.



INDICAÇÃO DE MATERIAIS PARA PESQUISA

**ABGLT**

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos

**ANTRA**

Associação Nacional de Travestis e Transexuais

**ABRAI**

Associação Brasileira de Intersexos

**ABL**

Arquivo Lésbico Brasileiro

**Coletivo ABRACE**

Coletivo de assexuais para educação e visibilidade sobre as Assexualidades

**Observatório Trans**

Planos de aula para trabalhar diversidade Sexual

MUSEU ALIADO DA ESCOLA

O espaço do Museu da Diversidade Sexual pode ser um grande aliado na ampliação do debate sobre diversidade sexual e de gênero.

As exposições mediadas pelo nosso Núcleo de Educação proporcionam uma imersão cultural e artística na comunidade LGBTQIA+ capaz de fomentar o debate com a apresentação de outras visões de mundo e perspectivas.

Nossa equipe de educadores conduz cada grupo com carinho e atenção, se debruçando nas dúvidas e necessidades daquele grupo para construir um conhecimento transformador e que possa fortalecer as vivências dentro da diversidade.

Então como você pode agendar sua visita mediada com a equipe do educativo do Museu da Diversidade Sexual?

1. Acesse o site do Museu da Diversidade Sexual



2. Verifique a disponibilidade de horários em nosso calendário de agendamento

3. Selecione o dia e o horário desejado

4. Complete o formulário de inscrição

Quem pode realizar visitas mediadas em grupo?

Escolas

Universidades

Instituições de ensino

ONGs

Coletivos, Associações e movimentos sociais

Agências de turismo

Ficou com dúvidas, gostaria de fazer algum comentário ou sugestão?

Entre em contato pelo e-mail educativo@museudadiversidadesexual.org.br

BIBLIOGRAFIA

[1] BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde Mental. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-mental>. Acesso em: 28 abr. 2025

[2] REMY, L. S. et al.. Anxiety and depression symptoms in Brazilian sexual minority ecstasy and LSD users. Trends in Psychiatry and Psychotherapy, v. 39, n. 4, p. 239–246, out. 2017.

[3] BORDIANO, G. et al.. COVID-19, vulnerabilidade social e saúde mental das populações LGBTQIA+. Cadernos de Saúde Pública, v. 37, n. 3, p. e00287220, 2021.

[4] VOTE LGBT+. Diagnóstico LGBT+ na pandemia 2021: desafios da comunidade LGBT+ no contexto de isolamento social em enfrentamento à pandemia de coronavírus. 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000200004. Acesso em: 28 abr. 2025.

[5] PAVELTCHUK, F. O.; BORSA, J. C. A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto , v. 21, n. 2, p. 41-54, dez. 2020 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 abr. 2025.

[6] CID-11 para Estatísticas de Mortalidade e de Morbidade. Disponível em: <<https://icd.who.int/browse/2025-01/mms/pt#90875286>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

[7] AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. What is gender dysphoria? [S.I.], 2023. Disponível em: <https://www.psychiatry.org/patients-families/gender-dysphoria/what-is-gender-dysphoria>. Acesso em: 27 abr. 2025.

[8] CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Resolução CFP nº 01/1999. Brasília, DF: CFP, 1999. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf. Acesso em: 05 mai. 2025.

[9] CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Resolução CFP nº 01/2018. Brasília, DF: CFP, 2018. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/01/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-01-2018.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2025.

[10] IMPRENSA NACIONAL. RESOLUÇÃO No 8, DE 17 DE MAIO DE 2022 - DOU - Imprensa Nacional. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-8-de-17-de-maio-de-2022-401069557>>. Acesso em: 6 mai. 2025.

Ministério da Saúde, Saúde Mental. Acesso em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-mental>

Centro de Pesquisa em Álcool e Drogas, Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brazil. Sintomas de ansiedade e depressão em brasileiros não heterossexuais usuários de ecstasy e LSD. Acesso em: <https://www.scielo.br/j/trends/a/FNZX6Tdvx7xNYNKnPMCGdyj/?lang=en>; <https://www.scielo.br/j/csp/a/DGn766gbxHvgXMyyfLWjgb/?lang=pt>

Vote LGBT+. Diagnóstico LGBT na pandemia 2021 - desafios da comunidade LGBT+ no 2021 contexto de continuidade do isolamento social em enfrentamento à pandemia de coronavírus.

BORSA, Juliane Callegaro. PAVELTCHUK, Fernanda de Oliveira. A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil. 2020 Acesso em: <https://>

pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000200004

CID-11 para Estatística de Mortalidade e de Morbidade. Acesso em: <https://icd.who.int/browse/2025-01/mms/pt#90875286>

TURBAN, Jack. *What is Gender Dysphoria?*. American Psychiatry Association. 2022. Acesso em: <https://www.psychiatry.org/patients-families/gender-dysphoria/what-is-gender-dysphoria>

FILHO, Mendonça. Diário Oficial da União. Ministério da Educação. 2018. Acesso em :

https://proen.ifes.edu.br/images/stories/PORTARIA_No_33_DE_17_DE_JANEIRO_DE_2018_-Nome_Social.pdf

ALEXANDRE, Victor. SOARES, Victor. A Revolta de Stonewall. História em Meia Hora. 2023. Acesso em: https://www.youtube.com/watch?v=ySp2Udf9_3A

Emerge mag br. Acesso em: https://www.instagram.com/p/CTK2cyrn66/?utm_medium=copy_link&img_index=10

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. Nova Fronteira. 39º edição. 2019.

Defensoria Pública do Estado de São Paulo. Retificação de nome e gênero de pessoas trans: como dar entrada? Quais os documentos necessários? Respostas às principais dúvidas. 2025. Acesso em: <https://defensoria.sp.def.br/noticias/-/noticia/6246273/retificacao-de-nome-e-genero-de-pessoas-trans-como-dar-entrada-quais-os-documentos-necessarios-respostas-as-principais-duvidas-2#:~:text=0%20nome%20social%20%C3%A9%20um,de%20nascimento%20da%20pessoa%20trans.>

Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2023) Nota técnica sobre direitos

humanos e o direito dos banheiros: Vencendo a narrativa do apartheid de gênero que impede as pessoas transgênero do acesso à cidadania no uso dos banheiros e demais espaços segregados por gênero. Brasil: Antra.

Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília. 2005.

Ministério da Saúde. Infecção Sexualmente Transmissíveis. Brasil.

Governo do Estado de São Paulo. Centro de Referência e Treinamento DST/Aids-SP. Informações sobre a PrEP. São Paulo.

org. MORAES, Marcos Antonio, Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira, 2001

KAHLO, Frida, O diário de Frida Kahlo, 1995

VASCONSELOS, Caê. "Conheça Quinn: Atleta é a 1º pessoa abertamente trans em uma Copa do Mundo". ECOAUol. São Paulo. 2023.

SCIULO, Marília Mara. "A trajetória de Sally Ride, primeira mulher dos EUA a viajar ao espaço. Galileu. 2022.

BBCNews. "Condenado por homossexualidade, homem que quebrou código nazista recebe perdão". 2013.

SANTOS, Sanara. "Vereadora do povo: quem é Kátia Tapety, a primeira trans eleita do Brasil". Nós. 2023.



BRUNA MARQUES - EDUCADORA



CINTHYA SANTOS - PSICOLOGA, ESPECIALISTA
EM SEXUALIDADE, DIREITOS HUMANOS E SAÚDE COLETIVA



PAULA CAVALCANTE - LÍDER DO EDUCATIVO



WEND OIANIYI FERNANDES - EDUCADORA

Org. por Paula Cavalcante Vicente

O texto foi escrito por

Bruna Marques

Cinthya Santos

Paula Cavalcante Vicente

Wend Oianiyi

Ilustração por

Bruna Marques

Diagramado por

Wendell Cabral

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador
Tarcísio Gomes de Freitas

Vice-Governador
Felício Ramuth

**Secretária de Estado da Cultura,
Economia e Indústria Criativas**
Marilia Marton

Secretário Executivo
Marcelo Assis

Subsecretário
Daniel Scheiblich Rodrigues

Chefe de Gabinete
Viccenzo Carone

Diretora de Preservação do Patrimônio Cultural
Mariana de Souza Rolim

Coordenadoria de Museus

**Chefe da Divisão de Planejamento
e Gestão Museológica**
Mirian Midori Peres Yagui

Chefe da Divisão Técnica Museológica
Luana Goncalves Viera da Silva

Equipe Técnica
Angelita Soraia Fantagussi, Dayane Rosalina Ribeiro, Eleonora Maria Fincato Fleury, Henry Silva Castelli, Marcos Antônio Nogueira da Silva, Regiane Lima Justino, Roberta Martins Silva, Sofia Gonçalez, Tayna da Silva Rios, Thiago Brandão Xavier e Thiago Fernandes de Moura.

MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL

Conselho
Instituto Odeon

Presidente
Monica Bernardi

Adriana Karla Andrade, Eloisa Elena Gonçalves, Guilherme Perpétuo Marques, Helger Marra Lopes, Ingrid Arthur Vieira de Melo, Isabela Gontijo Tolentino, Renata Salles Ribeiro, Thiago Bernardo Borges, Walter Macedo Filho

Instituto Odeon | Gestão

Diretor Presidente
Carlos Gradim

Diretora Executiva
Emília Paiva

Diretora de Operações e Finanças
Roberta Kfuri

Gerente de Conteúdo
Beatriz Oliveira

Líder do Núcleo Educativo
Paula Cavalcante

Educadoras
Bruna Marques, Karauba Aparecida

Museologia
Elis Assumpção

Assistente de Comunicação
Camila Bezerra

Auxiliar de Programação Cultural
Wesley Nascimento

Coordenação Administrativo-Financeira
Luiz Custódio da Silva Junior

Administrativo-Financeiro
Vanda Maria Batista, Alexia Bastos Souza

Analista de Planejamento e Gestão
Raphaela Siqueira

Manutenção
Natanael Pinheiro

Estágio em Monitoramento e Gestão de Projetos
Hévila Carneiro

